

Conflitos sociais entre trajetórias e discursividades: Recife 1955-1964

Pedro Gomes Dantas¹

INTRODUÇÃO

As décadas de 1950 e 1960 se apresentam na historiografia como marcadas por intensas lutas sociais. Nesta conjuntura, após um ensaio democrático entre 1945 e 1964, instaura-se no poder uma ditadura militar apoiada por diversos setores da sociedade civil, dando fim prematuro aquela experiência política.

Muito já foi dito a respeito dos acontecimentos que culminaram no golpe de 1964 e suas repercussões. Vagando entre posicionamentos ideológicos que buscavam se diferenciar uns dos outros, indivíduos, sindicatos, partidos, escolas e paróquias, para citar alguns exemplos, tentavam compreender e se situar dentro dos conflitos nacionais e internacionais que se desenrolavam neste período. É dentro deste debate que minha proposta de pesquisa busca se inserir, assim como este artigo.

Com o auxílio de outros trabalhos produzidos nos últimos anos², pretende-se compreender como os discursos e as práticas de diversos setores da sociedade, tanto daqueles que se convencionou denominar de “esquerda” como de “direita”, foram construindo ao longo dos anos que antecedem o golpe uma percepção de conflito.

Em seu trabalho *O diabo é vermelho: Imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*, Carla Simone Rodeghero afirma que o sentimento anticomunista esteve presente em diversas disputas políticas no Brasil ao longo do século XX³.

Este também parece ser o caso de Pernambuco, como aponta o trabalho recente de Pablo Porfírio “*Medo, Comunismo e Revolução: Pernambuco (1959-1964)*”, onde

¹ Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco

² Como exemplo citamos MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, Metodologia, Memória*. São Paulo: Contexto, 2010; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”. O anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

³ RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: Imaginário Anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo, Ediupf, 1998.

percorremos com o autor a elaboração e divulgação de uma racionalidade anticomunista e conservadora do *status quo* que buscava identificar aspectos que seriam considerados negativos pela população (como uma suposta anti-religiosidade) e atrelá-las ao que seria uma categoria delimitada como “comunistas”⁴.

O trabalho de Porfírio é convincente ao mostrar como diversos setores ditos “conservadores” da sociedade, nos anos que precederam o golpe, se armavam para um conflito que se daria não apenas nos gabinetes e assembléias, mas também nos discursos das pessoas.

Em um artigo de 1980, o historiador francês Roger Chartier provoca da seguinte maneira uma reflexão sobre este tipo de embate em torno das representações da realidade:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outras, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso essa investigação sobre as representações supõe-nas com estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.⁵

Sendo assim, não se trata de uma maquinação racional de discursos cujo objetivo seria ludibriar uma população que recebia passivamente sinais de medo e perigo através de jornais, cartazes e boatos. A construção de uma multiplicidade de signos e significados em torno de que seria uma “sociedade socialista” ou “os comunistas” só faz sentido quando observada em oposição a uma outra série de discursos que também

⁴ PORFÍRIO, Pablo F. de A. *Medo, comunismo e revolução: Pernambuco (1959-1964)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

⁵ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. Ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002. P. 17

buscava encapsular os acontecimentos do período, e a própria história do país, em categorias como “burguesia”, “capitalistas” e “latifundiários”.

É tomando como ponto de partida as evidências da historiografia recente, que atesta para a existência de inúmeros conflitos em torno de representações da realidade social brasileira nas décadas de 1950 e 1960 que pretendo trabalhar neste artigo.

O material coletado, as entrevistas, estão disponíveis no acervo do projeto “Marcas da Memória”⁶ me permitiu entrevistar indivíduos que militaram em partidos e grupos políticos contrários ao regime militar instaurado em 1964. Todos, até o presente momento desta pesquisa, possuíam alguma experiência de atuação política ligada a grupos de esquerda antes do . Dessa forma meu projeto contemplará a história e as memórias de diferentes pessoas que atuaram na resistência através não só de ações, mas também de discursos.

ENTRADA NA MILITÂNCIA

Quais são os percursos que levam um jovem estudante secundarista optar pela militância política no início dos anos 1960? Ou mais especificamente ainda, nos dois casos que trataremos aqui, a militância política em setores identificados abertamente com grupos de esquerda? Para além das narrativas individuais, parece existir ainda nos dias de hoje a imagem romantizada do jovem idealista que se revolta com as injustiças sociais, abrindo mão de seu bem estar e segurança em nome de algo maior, mais nobre.

Em um livro recente, Oserias Gouveia⁷ apresenta depoimentos de militantes que vivenciaram anos de luta intensa, antes e depois do golpe, e em muitos relatos percebe-se uma oposição entre bom e mal, opressor e oprimido, justo e injusto.

Tratam-se de distinções, de formas de compreensão, que devem ser levadas em consideração e analisadas com cautela, tendo em vista a importância que adquiriam para os atores envolvidos nos embates discursivos do período.

⁶ Trata-se de um projeto do Ministério da Justiça por meio da Comissão da Anistia, realizado em conjunto com a Universidade Federal de Pernambuco. O trabalho vem sendo desenvolvido pela equipe do Departamento de História, e o material produzido integrará tanto o acervo do Setor de História Oral da UFPE como o do Memorial da Anistia Política do Ministério da Justiça.

⁷ GOUVEIA, Oserias. *Os (des)caminhos da utopia: glória e derrocada do comunismo na memória política de militantes dos anos sessenta*. Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2003.

Entretanto, buscando possibilitar um enfrentamento em relação a estas categorias, consideramos que algumas perspectivas podem ser extremamente úteis para esta pesquisa. Em um artigo publicado em 1996 onde são discutidas o uso das idéias do antropólogo Frederik Barth na história, Paul-André Rosental afirma que:

Os comportamentos individuais não são mecanicamente determinados: eles refletem o uso que cada um faz da margem de manobra de que dispõe numa situação dada, do seu universo de possíveis.⁸

Tomando este trecho como ponto de partida, diria que minha opção metodológica passa por tentar reconstituir não a elaboração de um conjunto coerente de idéias compartilhadas, mas sim os campos de possibilidades abertos para indivíduos que, conquanto se encontravam inseridos em um mesmo período histórico, conceituavam o mundo e a sociedade ao seu redor de formas tão diversas quanto as circunstâncias que cercam o desenvolvimento de cada um como criança, jovem e adulto.

Partindo destas provocações, penso que podemos ler alguns trechos de um longo depoimento dado por Antonio de Campos, que militou ativamente no período em que inserimos nossa pesquisa. Nascido em 1944, filho de um representante comercial e de uma professora primária, Campos atuou intensamente em João Pessoa, Paraíba, sua cidade natal, ainda como estudante secundarista. Sua atividade política levou-o a largar temporariamente os estudos para acompanhar atividades da Liga Camponesa na zona da mata pernambucana, e posteriormente ao Rio de Janeiro, onde foi preso tão logo foi concretizado o golpe civil-militar de 1964.

Tratava-se de um jovem extremamente ativo e interessado nos movimentos sociais. Em seus relatos, expressa mais de uma vez as dificuldades provenientes de suas escolhas, como a incompreensão da família e a dificuldade de manter relacionamentos fora dos ciclos da militância política. Tratou-se, somos levados a crer, de uma opção de vida, pois até os dias de hoje Campos mantém-se em atividade como presidente da Associação de Presos Políticos e Anistiados de Pernambuco.

⁸ROSENTAL, Paul-André. *Frederik Barth e a microstoria* In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. P. 159.

Ao longo de uma entrevista onde relatou de forma muito espontânea sua vida desde a infância até a idade adulta, Campos apresentou de forma surpreendente os motivos de sua ingresso no mundo das questões políticas e sociais. Relatando suas aventuras amorosas e amizades de adolescente de quatorze anos nas ruas de uma João Pessoa perdida no tempo, entre passeios na praça Sólon de Lucena para paquerar as empregadas domésticas, tece um relato que, não fossem as associações feitas pelo próprio Campos, poderiam passar despercebidos. Seguem as palavras de Campos:

[...] aí há um divisor comum nesse grupo nosso. Um grupo começa a se prestar pra fumar maconha e o outro, parte do outro grupo, disse “não, nessa não vamos entrar, não dá pra entra nisso”, é um perigo não é? Embora talvez com medo, havendo até consciência também, juntava as duas coisas e falava “não vale a pena esse tipo de experiência”. Isso, essa fase se dá em torno dos quatorze anos, eu com quatorze meu irmão com dezesseis. Mas isso amadurece um pouco. A gente começa a ver que não era mais só a brincadeira, tinha outras coisas que começavam a entrar nas nossas vidas e isso ia mudar as nossas vidas. Ao mesmo tempo que vai acontecendo esse processo, é um momento que você já está no ginásio, meu irmão um pouco mais à frente do que eu, quando eu estou terminando o ginásio ele já está no científico, e a gente começa também a pegar coisas, jornais, ler notícias, coisas interessantes, no Brasil, fora do Brasil, tinha uma revista chamada “O Cruzeiro” que não tinha muitas análises mas não tinha muita foto e muita reportagem de tudo que acontecia no mundo. Então de repente a revolução cubana, falando de Cuba. “Grupo levantou-se, Sierra Maestra”, etc. E tudo isso despertava. “Guerra do Vietnã”. “Estados Unidos começa a bombardear lá na Ásia”. E isso começava a despertar interesse, e a perguntar a professor, tentar encontrar respostas, isso era um momento de amadurecimento. Eu acho que a medida que a gente se dá conta de que a maconha existia e que um grupo, parte do grupo, vai pra essa experiência, a gente se recusa e a gente busca outro caminho que é o caminho pra ler mais as coisas, tomar mais consciência das coisas da vida, isso já gera uma diferenciação muito grande. Aí começa também a preocupação com as coisas sociais, o que há de social, o que é que está por trás da sociedade. É só essa nossa vidinha, o pai e a mãe?

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR**, Roberto Oliveira de. *Recife, da Frente ao golpe: Ideologias políticas em Pernambuco*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1993.
- CALADO**, Antônio. *Tempos de Arraes: a revolução sem violência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CERTEAU**, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CHARTIER**, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. Ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002. (Coleção Memória e Sociedade).
- GOUVEIA**, Oseias. *Os (des)caminhos da utopia: glória e derrocada do comunismo na memória política de militantes dos anos sessenta*. Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2003.
- MONTENEGRO**, Antonio T. *História Oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____. *História, Metodologia, Memória*. São Paulo: Contexto, 2010.
- PAGE**, Joseph A. *A Revolução que nunca houve: O Nordeste do Brasil (1955-1964)*. Rio de Janeiro: Record, 1972.
- PORFÍRIO**, Pablo F. de A. *Medo, comunismo e revolução: Pernambuco (1959-1964)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.
- REVEL**, Jacques (Org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- TEIXEIRA**, Flávio Weinstein. *O movimento e a linha: presença do Teatro do Estudante e d'O Gráfico Amador no Recife (1946-1964)*. Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2007.